

TRAÇOS FUNDAMENTAIS DA VIDA E OBRA DE MIGUEL REAL

ENTREVISTA A MIGUEL REAL



Annabela RITA¹
Carla Sofia Gomes Xavier LUÍS²

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Como é sobejamente sabido, Miguel Real é pseudónimo literário de Luís Martins. Está escrito na Carta de Sócrates a Alcibíades, seu Vergonhoso Amante. Mas como ocorreu esta transferência identitária e que consequências teve na vida de Luís Martins? Este último foi totalmente absorvido pelo outro ou ainda coabitam os dois? E em que moldes? Gostaríamos igualmente de saber o porquê da escolha desta onomástica. Isto é, por que motivo escolheu esta combinação, Miguel Real, e não outra?

1 Docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal. Endereço eletrônico: <annabela.rita@gmail.com>.

2 Docente do Departamento de Letras, da Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. Endereço eletrônico: <cxavier@ubi.pt>.



MIGUEL REAL

“Miguel Real” nasceu no dia em que o Luís Martins se zangou consigo mesmo, dando conta disso em *Carta de Sócrates a Alcibíades, seu vergonhoso amante* (1987), seu primeiro livro. O Luís Martins era marido, pai e professor de filosofia no ensino secundário. O Miguel Real separou-se do Luís Martins, achou que não era suficiente ser como todos são, e, aos 34 anos, começou a escrever segundo três dimensões – a da ficção, que iniciara ainda como aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, a da investigação sobre a cultura portuguesa e a da filosofia. Na verdade, o Miguel Real “matou” o Luís Martins. Com exceção da família e de antigos amigos, o L. Martins tornou-se um cidadão anónimo. Acho que ele merecia essa paz mental – projetou no Miguel todas as inquietações. O coração do Miguel anda sempre acelerado, o do Luís tranquilo como o de um pastor. Quando nasceu o primeiro filho, o David, era para se chamar Miguel ou Li (o nome do médico chinês que acompanhou a gravidez da Filomena em África). Quando mudei de nome, resgatei o “esquecido” Miguel. “Real” é simples – queria que o Miguel tivesse os pés no chão, “Real” de realidade, não de régio. Porém, saiu-me um Miguel mais sonhador e mentalmente problemático do que o antigo Luís.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Foi, portanto, um ato premeditado?

MIGUEL REAL

Mudar de vida, sim, de resto não houve um plano, houve uma determinação, um ato originário da consciência, e os livros foram-se sucedendo um pouco circunstancialmente, ao abrigo de convites para participação em congressos académicos, em viagens culturais a África, à América Latina, à Índia, mas hoje, olhando para trás, percebe-se terem sido constantes (i) a



exploração de temas ligados à filosofia, (ii) uma escrita de natureza estético-ficcional e, ainda, (iii) sobre questões vinculadas à identidade nacional e à cultura portuguesa.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Já percebemos como nasceu a nova identidade, voltada para a escrita, desta feita, sob a onomástica de Miguel Real. Mas quando é que nasceu verdadeiramente o escritor Miguel Real? O marco oficial é 1979, aquando da publicação d' *O Outro e o Mesmo*, embora ainda sob a assinatura de Luís Martins, todavia a pulsão da escrita é certamente muito anterior a essa data. Conte-nos como tudo começou.

MIGUEL REAL

O Outro e o Mesmo ainda é assinado pelo Luís Martins. Depois, ao longo de uma dezena de anos, escrevi, com a Filomena, manuais de Filosofia para o ensino secundário. Cansei-me, não era vida, não havia vida para além do ensino. O Luís Martins caminhava numa única direção e a ficção pulsava dentro de mim. Foi então que em 1987 nasceu o Miguel Real quando escrevi *Carta de Sócrates a Alcibíades, seu vergonhoso amante*, um pequeno livro que teve algum sucesso, e não mais parei. Logo no ano seguinte, publiquei *Portugal – Ser e Representação* (Prémio Revelação Ensaio da Associação Portuguesa de Escritores. Estavam determinadas duas linhas que iria doravante seguir, a ficção e a cultura portuguesa.

Nunca pensei ser escritor ou crítico literário ou ensaísta, as coisas foram acontecendo sem plano nem calculismo. Sou um escritor tardio, para o qual a escrita aconteceu já era pai, já tinha profissão. Há o turista acidental, eu sou o escritor acidental.



METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Filomena Oliveira, a sua companheira de toda uma vida, certa vez confidenciou-nos que “para o Miguel escrever é como o ar que respira”. Nunca esquecemos esta frase tão profunda quanto esteticamente bela. Nós não encontramos melhor comparação que exprima as horas e horas e horas do seu dia que dedica à reflexão, à leitura e à redação de textos de diversas tipologias. A escrita embrenha-se na sua própria vida; uma não pode viver sem a outra. A partir de que momento é que sentiu que não poderia viver sem escrever? Como seria “Um dia na Vida de Miguel Real sem Escrever”? Quais foram os maiores sacrifícios que fez por esta vocação?

MIGUEL REAL:

Sinceramente, não imagino. Tornou-se uma segunda pele. Não me parece que tenha feito sacrifícios. Dava aulas de manhã, à tarde ia *naturalmente* para a Biblioteca Nacional ler e escrever, ou vinha para casa fazer o mesmo. Ler o jornal e dar aulas era a maneira que eu tinha de estar ligado ao mundo. Havia espaço e tempo para as três coisas. O jantar e a noite eram (são) sempre dedicados aos filhos (hoje aos netos). Com a Filomena, era uma relação instintiva diária e igualmente natural. É neste sentido que não me vejo a fazer sacrifícios. Uma vida burguesa, calma, sem ambições que não seja ter editora para publicar, e sempre fui tendo.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Há temáticas que aborda com redobrado carinho e dedicação. Temas relacionados com a Lusofonia, as Histórias em torno de figuras Judaicas, Fátima, Sebastianismo, escravatura, etc. são alguns traços Fundamentais da cultura portuguesa, é certo. E quais são os traços fundamentais da vida do “Luís Real”?



MIGUEL REAL:

Presumo que respondi na questão anterior. Não há traços extraordinários na vida do “Luís Real”. Não sou um escritor afogado na sua própria genialidade, não sou escritor marginal ou marginalizado, não me sinto invejado nem invejo outros escritores, os livros vendem-se, uns mais, outros menos, não planifico o que vou escrever, sujeito-me a convites (que vão sempre chegando) ou a impulsos de momento.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Mas, retomando a linha de raciocínio acima exposta, gostaríamos de explicar o porquê dessas três linhas de investigação previamente enunciadas. Terão sido forjadas à luz das matérias que lecionava enquanto professor?

MIGUEL REAL:

No que diz respeito à cultura portuguesa, devo salientar que me foi estimulada, e bastante, por um aluno finalista do liceu, o Rui Lopo, hoje doutorando em Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa. Interrompia-me as aulas, falando sobre o pensamento de Agostinho da Silva, relacionando-o com a matéria lecionada nas aulas. Eu nada sabia sobre a filosofia em Portugal e via-me constrangido a confessá-lo. Para ultrapassar este meu defeito cultural (no tempo do meu curso, finais da década de 1970, não existia a cadeira de Filosofia em Portugal no currículo universitário), comecei a estudar este tema de um modo autodidático. E, lentamente, fui-me apaixonando por ele. Devo ao Rui Lopo uma parte da minha vida intelectual.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Como é sobejamente conhecido, não há escrita compulsiva sem o suporte de leituras que, no seu caso, são “omnívoras”, como frisa Onésimo Teotónio d’Almeida, referindo-se não só à quantidade avultada, mas também ao ecletismo no que à seleção e interesses diz respeito. Lê e escreve compulsivamente é um facto. Há autores que são importantes para determinado tema, mas certamente haverá alguns outros, por assim dizer, quase permanentes, isto é, que revisita a breve trecho. Quem são os escritores e os pensadores da sua predileção com os quais pode sempre contar?

MIGUEL REAL:

Na ficção, há duas ou três referências permanentes (leituras contínuas): padre António Vieira, Eça de Queirós, Raul Brandão, Fernando Pessoa e José Saramago. Falta-me escrever um ensaio sobre Brandão. Estou agora mesmo a escrever um sobre Pessoa e Saramago como ficcionistas (a ser publicado em 2022). Na cultura portuguesa, Camões, Vieira, Pessoa e Agostinho da Silva. Na filosofia, Matias Aires (um pensador luso-brasileiro que desafiou todo o pensamento português no século XVIII), Leibniz, Nietzsche, Eduardo Lourenço e Viriato Soromenho-Marques.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

E no que concerne à escrita estético-ficcional, como surgiu este terceiro impulso? O Miguel escreve sobre os mesmos temas, com a mesma qualidade de sempre, em duas pautas diferentes: ensaio e ficção. Mestre do ensaio e ao mesmo tempo do romance”, como refere José Eduardo Franco, no prefácio a *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Dois formatos distintos que exigem linguagens apropriadas, formas de cotejar também elas dissemelhantes, mas que acabam por ser complementares. Num formato trabalha o objeto do



ponto de vista científico, rigoroso, fundamentado, no outro, pinta os cenários e acontecimentos ao sabor da imaginação, ainda que sempre bem fundamentado, aproveitando, de igual modo, para fazer um certo ajuste de contas que só a ficção permite, procurando perceber o que Portugal fez de bem e de mal, como já o disse em tempos. Poderia viver sem um destes formatos?

MIGUEL REAL:

Não sei. Só sei que comecei a escrever. Não tinha editora e concorri aos Prémios Revelação da Associação Portuguesa de Escritores, ao de Ficção (*O Outro e o Mesmo*, 1980, ainda com o meu nome verdadeiro), e ganhei, consolidando em mim a necessidade de uma satisfação estética da sensibilidade, e ao de Ensaio, e ganhei de novo (*Portugal – Ser e Representação*, 1998), consolidando em mim a necessidade de uma exploração do universo ligado ao raciocínio analítico, a temas da História e da Filosofia. Ficção para satisfação da sensibilidade, reflexão filosófica e relativa à cultura portuguesa para satisfação do entendimento. Estávamos ainda no século XX. Desde então, saiu em média um livro por ano. Por vezes, dois. Estes dois prémios “Revelação” foram-me muito, muito estimulantes: ganhei o gosto da escrita, da disciplina do pensamento e da indisciplina da imaginação.

Como leio muito, escrevo muito como comentário ao que leio. Não consigo ler sem tirar apontamentos. Os ensaios nascem assim, um puzzle entrelaçado de apontamentos. Para o romance, investigo muito e desta investigação nascem “sobras” que não insiro na narrativa. O ensaio nasce assim, de sobras que vou entretecendo até encontrar uma unidade. Não, não poderia viver sem um e sem outro. Quando estou cansado de ficção, passo para o ensaio; quando estou cansado de ensaio, passo para a ficção.



METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Fale-nos um pouco da sua experiência como crítico literário no principal jornal literário de Portugal – o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Nele tem vindo a desenhar a atual cartografia do romance português, acarinhando mormente, mas não só, e de forma sempre generosa, a geração de escritores que só este século começou a escrever. Esta análise apurada à evolução do romance português, muito atenta à irrupção de uma novíssima geração no campo da ficção, é também vertida na obra *Romance Português Contemporâneo – 1950 – 2010* (2011), ensaio que rapidamente se tornou uma obra de referência e de consulta obrigatória na atual historiografia literária.

MIGUEL REAL:

Desde o princípio deste século, tenho acompanhado quinzenalmente, no “*Jornal de Letras, Artes e Ideias*”, sob a direção de José Carlos de Vasconcelos, a evolução do romance português e a irrupção de uma novíssima geração no campo da ficção. Disso dei conta em *Romance Português Contemporâneo – 1950 – 2010* (2011), um ensaio polémico, cujas teses, aceites por uns, contestadas por outros, se tornaram uma referência de consulta obrigatória na atual historiografia literária. Prova: as duas edições esgotadas em Portugal.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Sabemos que é um pensador preocupado com o seu País e que procura, através dos seus ensaios dedicados à cultura portuguesa, demarcar as características constantes que a individualizam face às restantes culturas europeias. Fale-nos um pouco sobre os seus livros dedicados à cultura portuguesa?



MIGUEL REAL:

De *Portugal – Ser e Representação* (1998, Prémio Revelação Ensaio da Associação Portuguesa de Escritores) a *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017) fui percorrendo um itinerário inquiridor sobre a identidade histórica de Portugal, através da análise da obra dos seus importantes protagonistas: *Marquês de Pombal*, 2005; *Eça de Queirós*, 2006; *Agostinho da Silva*, 2007; *Eduardo Lourenço*, 2008 – Prémio Jacinto do Prado Coelho da Associação Portuguesa de Críticos Literários; *padre António Vieira*, 2008; *Matias Aires*, 2008; *José Enes*, 2009; *Comentário a Mensagem de Fernando Pessoa*, 2013; *Sebastianismo* em 2014, e, finalmente, em colaboração com Filomena Oliveira, minha mulher, publiquei, em 2016, *O Teatro na Cultura Portuguesa do Século XX*.

Foi a totalidade destes ensaios, a que se deve acrescentar *Fátima e a Cultura Portuguesa* (2018), bem como a participação em inúmeros congressos sobre a realidade histórica, social e cultural de Portugal, que prepararam a publicação de *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017), que – devo confessá-lo – considero um dos livros mais bem conseguidos, dentro da qualidade mediana da minha escrita. É um livro continuamente citado. Devido à integração europeia e à globalização, a cultura portuguesa tem sofrido uma mutação fundamental. De paroquial em grande parte do século XX, tornou-se cosmopolita, hedonista e relativista. Era necessário demarcar estas novas qualidades, bem como evidenciar os aspetos multiculturais sofridos no campo sociológico dos costumes. Abordam-se, assim, o importantíssimo papel das Ordens Religiosas na formação dos traços fundamentais da cultura portuguesa, a viragem hermenêutica operada no final do século passado sobre a “lenda negra” dos Jesuítas (José Eduardo Franco), o debate sobre o papel dos “estrangeirados” (António Pinto Ribeiro), a nova cultura urbana, a questão do pessimismo nacional, a questão anterior da Decadência ou do Declínio, a abertura multicultural de Guilherme d’Oliveira Martins, as novas e importantes propostas culturais de Bragança de Miranda e Moisés Lemos



Martins, o neo-criticismo de Boaventura de Sousa Santos, a saudade, a lusofonia, o marranismo...

Defende-se ser o atual momento da cultura portuguesa o de um “intervalo civilizacional”, pois já não somos o que fomos, mas ainda não sabemos o que atualmente somos, condicionante do que doravante seremos. Possuímos hoje uma forte cultura científica, mas milhões de portugueses vão a Fátima em Maio; pela primeira vez, tínhamos deixado de ser emigrantes, constante cultural portuguesa desde os séculos XVI/XVII, passámos a ser terra de acolhimento de imigrantes (de África, do Leste da Europa, do Brasil); porém, na última década, a emigração retornou em força; éramos um povo lento e passivo, com pouquíssima participação cívica – continuamo-lo a ser? As elites, continuam a ser autistas, poderosas e a desprezar a população? Quais os efeitos na mente dos portugueses da perda do Império: uma genuína amputação histórica ou o desembaraço de algo que nos pesava? Instituições tradicionais vão fenecendo a nosso lado: o modelo clássico da família, as Forças Armadas como povo em armas, a escola como modelo do saber... Não há respostas unívocas e definitivas para estas questões, mas do seu desenvolvimento atual e futuro dependerá, em grande parte, a nossa história até ao final deste século.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

E no campo da filosofia, como se desenvolve o seu pensamento? Estamos particularmente interessadas na coleção “Novas Teorias de...” que tem vindo a publicar e na hercúlea obra *O Pensamento Português Contemporâneo. O Labirinto da Razão e a Fome de Deus. 1890 – 2010*.



MIGUEL REAL:

O campo do ensaio reflexivo levou-me à escrita de três livros sobre a Ética (*Nova Teoria do Mal*, 2012: o Mal como valor absoluto, real, não metafísico nem teodiceico, uma espécie de teoria naturalista do mal); *Nova Teoria da Felicidade*, 2013: a felicidade como valor superior da ética, e *Nova Teoria do Pecado*, 2017: o pecado, o medo e a culpa como sustentáculos da civilização ocidental), bem como à reflexão sobre a história e a teoria do corpo em *Manifesto em Defesa de uma Morte Livre* (2015), sobre a religião em *O Futuro da Religião* (2014) e sobre a situação histórica e política de Portugal em *Portugal – Um país parado no meio do caminho – 2000 – 2015* (2015). São livros em que tento pensar com alguma originalidade, sem copiar teses alheias, ainda que, não raro, me inspire em autores nacionais ou estrangeiros. Porventura, o melhor livro desta série será *O Pensamento Português Contemporâneo. O Labirinto da Razão e a Fome de Deus. 1890 – 2010* (2011), no qual, ainda que imperfeita, tentei esboçar uma nova perspetiva da história contemporânea da filosofia em Portugal: um país em que a Razão (ao contrário dos países da Europa Central) nunca foi cumprida ou esgotada, traduzida em planificação da realidade e em igualdade social, e, neste sentido, um pouco compensatoriamente, um país voltado para o transcendente, hoje simbolizado em Nossa Senhora de Fátima.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Voltando à coleção “Novas Teorias de...” A seleção desses temas em concreto foi aleatória? Pode desvelar algumas das teses filosóficas defendidas nesses livros?

MIGUEL REAL:

Intento pensar de raiz os conceitos tematizados, o Mal, a Felicidade, o Sebastianismo, o Pecado. Não existe um plano, mas existe uma orientação geral que comanda a escolha dos

temas: o Mal como ontologicamente superior ao Bem e a Cultura (a Ética, a Moral) como tentativa de superação ou suavização do Mal; como deve ser hoje entendida a Felicidade enquanto suprema finalidade moral da vida (Aristóteles) e, no ano de 2017, o Pecado como desvirtuamento das pulsões do corpo imposto pelo Cristianismo enquanto motor máximo da civilização e cultura ocidentais.

Em *Nova Teoria do Mal* defende-se que o mal é universal e absoluto e o bem, pensado como harmonia e perfeição ativa, existe apenas de um modo provisório e temporário. Neste sentido, o bem é apenas um arranjo que perdura, um equilíbrio que se mantém, auto-replicando-se. Deste modo, o mal é substancial, o bem acidental; o mal é um estado permanente; o bem um estado humano provisório; o mal é ontológico, o bem ôntico; O mal é ético, princípio maior de inspiração ética; o bem, da moral; o mal é a ação natural, o bem uma reação, um artifício para aplacar e controlar o mal.

Cruzando filosofia e história, *Nova Teoria do Sebastianismo*, para além de uma pequena história do conceito, desenvolve-se, de certo modo, o conceito de sebastianismo como a consciência simbólica do máximo ser profundo (inconsciente) de Portugal, segundo a terminologia de Eduardo Lourenço. Efeito de um delírio mental provocado pela rutura social e civilizacional de Alcácer Quibir, o sebastianismo constitui a expressão do desejo popular de normalização social e de prosperidade económica de uma população desde então (século XVII) desprezada pelas elites políticas até à irrupção da democracia no 25 de Abril de 1974. Constitui, assim, um ensaio que reflete sobre o mito sebastianista como alucinação racionalmente falsa, mas sentimentalmente verdadeira e nos dá a conhecer os autores que trataram o tema, desde Bandarra e Padre António Vieira até aos filósofos contemporâneos, passando por Fernando Pessoa, António Quadros, António Sérgio e Eduardo Lourenço.

No livro publicado em 2017, *Nova Teoria do Pecado*, destaco o supremo pecado do Cristianismo, o de se ter transformado de religião e vivência europeias do sagrado em Poder



político institucional, negando e oprimindo, ao longo de mil e quinhentos anos, as restantes religiões e complexos comportamentais (os costumes), substituindo-os por uma mentalidade virtuosa, segundo os preceitos evangélicos ou bíblicos, impostos por um Estado opressivo e totalitário. Com o pretexto da eliminação do paganismo latino (mediterrânico) e celta (os povos ditos “Bárbaros”), inclusive dos deuses presentes milenarmente na Península Ibérica, o Cristianismo constituiu-se como uma genuína máquina de eliminação civilizacional daqueles povos, o que hoje designaríamos por etnocídio cultural. Conclui-se ser o homem, primitiva e antropologicamente, um cruzamento de mal e medo, confluindo ambos na atração e no temor do pecado. Este une o mal ao medo e o medo ao mal numa simbiose perfeita de malignidade e culpabilidade. Deste modo, ao longo dos últimos dois mil anos, o pecado (o indecente, o sujo, o imundo, o vergonhoso, o rejeitado, o obsceno, o banido, o impuro, o indigno, o abjeto, o infame, o irracional, a transgressão, o crime...), ainda que socialmente excluído, exerceu um poder de atração mental tão forte quanto os mandamentos morais como expressão do bem. Ambos, virtude, expressão da ética e da moral, e pecado, expressão da imoralidade e da devassidão, da “iniquidade”, como diria São Paulo, têm convivido numa tensão paradoxal nos últimos dois milénios. Supremo inimigo cultural do Cristianismo: o corpo e as suas emoções, ditos, sede ou expressão do Demónio, este entronizado miticamente como figura universal do Mal. Em *Nova Teoria do Pecado*, não desenvolvemos a teoria do Corpo na Europa ao longo do poderoso domínio do Cristianismo, porque já o tínhamos abordado e explorado no livro *Manifesto em Defesa de uma Morte Livre* (2015). Por isso, porque as emoções/paixões se constituem como o supremo inimigo civilizacional do Cristianismo, o pecado constitui a categoria filosófica e religiosa sobre a qual a Europa cristã assentou as suas constantes culturais e civilizacionais. Dito de outro modo, a categoria sobre a qual edificou o Poder, o poder religioso, mas sobretudo o poder político e social. Quando se refere que a Europa cristã ergueu a sua civilização com base na categoria religiosa de pecado



diz-se, conseqüentemente, que ela assentou a sua civilização sobre o modo singular de viver com a emoção primária de Medo e com o sentimento de Culpa. Medo e Culpa constituem as duas colunas ético-morais que sustentam o edifício do Pecado. Por isso, Pecado, Medo e Culpa constituem o triângulo ético-religioso abordado neste ensaio. Hoje, no Intervalo Civilizacional em que vivemos, sabendo donde viemos, mas desconhecendo o nosso futuro, nenhum conceito é mais ambíguo do que o de “pecado”, profundamente indefinido no seu complexo semântico referencial. Porém, o abandono voluntário pela Europa de uma vivência do pecado não significa idêntico abandono de uma consciência culpada. Pelo contrário, toda a filosofia prova, de Kierkegaard e Nietzsche a Heidegger, Levinas e Merleau-Ponty – e, em Portugal, de Pedro Amorim Viana e Antero de Quental a Leonardo Coimbra e Paulo Borges –, a existência de um sentimento de culpa, latente e pulsante no coração do homem. Com exceção dos violentos, os atos ontem vistos como pecaminosos são hoje considerados meros “desvios”, “infrações” ou “transgressões” em relação ao pensamento e à ação socialmente dominantes, não forçando o seu agente à exclusão, à vergonha, à abjeção, ao ostracismo, muito menos à queima numa fogueira inquisitorial. Em *Nova Teoria do Pecado* intenta-se, assim, compor uma biografia deste conceito, recuperando, sob e sobre a ética e a moral cristãs de pecado, profundamente excludente e totalitária, o conceito de Pecado segundo a civilização e a cultura gregas (*amartia*), que o não teriam elevado a uma natureza sagrada, tratava-se de um assunto exclusivamente humano. Deste modo, a visão cristã de pecado cruza simultaneamente a tradição greco-latina de falhar o alvo, de se enganar, de cometer um erro, de se desviar do caminho certo (*amartia*), com a tradição judaica do estabelecimento de uma intenção de revolta, de contestação, seja contra a instituição igreja e o seu corpo de prescrições sociais, dimanadas da cúria romana, seja contra deus, ele próprio, isto é, como *aversio a Deo et conversio ad bonum creatum*, hipostasiando ambas as tradições num cúmulo



absoluto de sagrado, fora do qual reinaria a “iniquidade” de S. Paulo e o “demónio”, “príncipe do mal”, da igreja romana.

Dito de outro modo, o conceito de Pecado mudou de natureza: de conceito prescritivo de natureza política e sociológica, imposto como lei e hábito universal a toda a comunidade, tornou-se, desde o século XIX, um conceito para uso restrito, não tanto dos cristãos, mas mais dos católicos, que por ele ostentam uma mentalidade cruzada de Medo e Culpa, lançando ao Céu (a Deus, a Nossa Senhora de Fátima) a ventura ou a desventura da existência social de cada crente.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Sabemos que a sua obra ficcional se ramifica em Romance, mormente histórico, e também Teatro, sendo este último sempre desenvolvido em parceria com Filomena de Oliveira. Fale-nos um pouco acerca de ambos e sobre as linhas temáticas que os norteiam.

MIGUEL REAL:

No campo da narrativa ficcional, tenho escrito teatro com Filomena Oliveira. Entre várias peças, *Uma Família Portuguesa*, 2008 – Grande Prémio de Teatro Sociedade Portuguesa de Autores/Teatro Aberto; *Vieira – O Céu na Terra*, representado em Portugal, no Brasil e na Guiné-Bissau; *Europa, Europa*, 2016, representado no mesmo ano pela companhia de teatro Éter na Quinta da Riba Fria, um palácio renascentista em Sintra, e *As Máscaras de Pessoa*, 2018, sobre o labirinto mental da heteronomia pessoana. Fizemos igualmente a adaptação dramática dos romances de José Saramago, *Memorial do Convento* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, representadas pela Éter no Convento de Mafra e na Fundação José Saramago.

No campo do romance histórico, dediquei-me em grande parte à presença portuguesa no Brasil ao longo de 400 anos: *Memórias de Branca Dias* (a primeira judia no Pernambuco/Brasil, 2003), *A Voz da Terra* (sobre o Terramoto de 1755, com personagens brasílicos, 2005: Prémio Ficção Fernando Namora 2006), *O Último Negreiro* (sobre Francisco Félix de Sousa, o último grande negreiro de Ajudá no Dahomé/Benim, 2006), *O Sal da Terra* (a vida de Pe. António Vieira, 2008), e *A Guerra dos Mascates* (a guerra entre Olinda e o Recife em 1710, 2011). Constituiu expressão de uma fase brasílica na minha vida, todos os anos ia ao Brasil e durante cinco meses, com uma bolsa do Centro Nacional de Cultura, percorri todas as cidades onde pe. António Vieira viveu e pregou. Esta paixão pela cultura brasileira, entre 2001 e 2010, prolongou-se na escrita de dois álbuns: um, *Atlântico. A Viagem e os Escravos* (2005), sobre o fluxo dos escravos africanos para o Brasil, com desenhos de Adriana Molder e fotografias de Noé Sendas; outro, *As Missões. Bandeirantes, Jesuítas e Guaranis* (2009), com imagens de Graça Morais. A partir de 2011, ganhei nova paixão, sobre o Oriente – encetei viagens na Índia e em Macau, descritas em dois romances: *O Feitiço da Índia* (sobre a colonização portuguesa de Goa, 2012) e *A Cidade do Fim* (sobre a presença portuguesa em Macau, 2014).

No campo do romance, publiquei ainda *O Último Minuto na Vida de S.* (sobre a relação amorosa entre Snu Abecassis e Francisco Sá-Carneiro 2007), *O A Ministra* (2009), *As Memórias Secretas da Rainha D. Amélia* (2010) e *O Último Europeu* (uma utopia/distopia projetada para 2284, 2015). Em 2016, escrevi a quatro mãos, com Manuel da Silva Ramos, num estilo satírico e surrealista, a novela *O Deputado da Nação*.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Em relação a *O Último Europeu*, um romance com laivos trágico-cômicos, apresentamos uma visão algo apocalíptica não só no que diz respeito aos aspetos climáticos,



demográficos, devastação do Planeta, consequências do mau uso das tecnologias, guerras de impérios, mas também no que concerne à desmemorização e desinteresse generalizado que acontece nas sociedades contemporâneas, mais voltadas para a cultura do efêmero, dos folhetins telenovelisticos, espécie de “cócegas para a alma”, como refere em o *Romance Português Contemporâneo*, que sacia imediatamente, mas que não deixa consequências a longo prazo. Como contraponto do “uso cosmopolita e quotidiano da língua, de vínculo não erudito”, temos, em o *Último Europeu*, a figura do Reitor, um resistente, o símbolo da esperança, o único capaz de refletir, sem o auxílio das novas tecnologias, escrevendo à mão, por razões de secretismo, mas também porque “ninguém sabe hoje escrever segundo este antigo modo senão os hermeneutas museológicos” (*O Último Europeu*), a *Crónica da Criação e Extinção da Nova Europa*. Olhando para a literatura, corresponderá esta figura do reitor à do nosso Escritor, que é uma espécie de salvador, pela palavra, da memória coletiva de um povo? Será também uma chamada de atenção para o consumo exacerbado daquilo que apelidou de “Romance de mercado” que invadiu a sociedade e tomou o lugar do “Romance como obra de arte” (MR *Romance Português Contemporâneo*)? Para onde estão a caminhar os leitores contemporâneos? E o Romance Português Contemporâneo?

MIGUEL REAL:

O romance português atual está de boa saúde, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Todos os meses nascem novos escritores e entram no mercado novos romances de qualidade. No entanto, mercado editorial e a sua noção de entretenimento substituíram a história, pelo que pouco autores desta geração ficarão para a história da literatura. Mas três ou quatro dos novíssimos, pela originalidade, pela qualidade cosmopolita dos seus romances, têm alguma possibilidade. Os restantes limitar-se-ão a encher páginas de jornais que, lidos hoje, seguirão no futuro para a grande gaveta do esquecimento. O romance mudou de



natureza; o realismo, seu grande enquadramento clássico, foi tragado pela história exótica, as ações insólitas, as novidades escandalosas, e deu origem a uma nova classificação literária: o *best seller*, que domina imperialmente os escaparates das livrarias. Hoje, paradoxalmente, escrever um romance de qualidade implica subverter as categorias tradicionais (novecentistas) deste género literário e arriscar a que o leitor não perceba o que o escritor quer dizer. Logo, não vender; logo, as editoras recusarem. Daqui se vê a importância do crítico literário. Cabe a este não se submeter à ditadura do mercado e chamar a atenção para autores superiores, ainda que com livros pouco vendáveis. Por isso, leio sempre com muita atenção os livros da Annabela Rita, ela cruza de uma maneira muito imaginativa e muito bem fundamentada a literatura com a cultura.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

No que diz respeito ao romance, o Miguel Real cria, invariavelmente, títulos fortes, estimulantes, que captam a atenção do leitor, como é o caso de *Cadáveres às Costas* (2018). Diga-se, em abono da verdade, que a utilização de expressões que sinalizam o fim de uma era, de um tempo, como são os casos de *O Último Eça*, *O Último Minuto na Vida de S.*, *O Último Negreiro*, *O Último Europeu*, *O Último Minuto na vida de Saramago*, “A Cidade do Fim”, tem sido uma constante. No caso do ensaio, também temos nota de *A Morte de Portugal*, que marca o fim de um tipo de Portugal específico (e o aparecimento de algo novo), além do ressurgir de uma outra perspetiva, sob a alçada dos títulos: *Nova Teoria da felicidade*, *Nova Teoria do sebastianismo*, *Nova Teoria do Mal*. Será que nos poderia esclarecer um pouco acerca destas tendências que marcam a sua obra?



MIGUEL REAL:

Sim, Sofia, talvez devido a uma educação muito religiosa na infância, tenho tendência a privilegiar o “catastrofismo”, isto é, os princípios e os fins, e estes são sempre explosivos. Isto é, ainda, são os momentos de rutura, rutura individual ou rutura coletiva. E esta rutura (tudo o que está transforma-se em outra coisa no espaço de uma vida) atrai-me. Quando li, na infância, o “Apocalipse de São João” estive noites sem dormir. Desde aí, as situações apocalípticas atraem-me. É o meu trauma.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Qual é o seu romance que mais gostou de escrever? E porquê?

MIGUEL REAL:

Pessoalmente, considero *A Visão de Túndalo por Eça de Queirós*, a revelação de um manuscrito inédito (falso) deste autor, publicado em 2000, Prémio Ler/Círculo de Leitores, um dos meus romances mais bem conseguidos.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

E qual é o ensaio, da sua própria lavra, preferido? E porquê?

MIGUEL REAL:

O que estou a escrever agora: “Pessoa & Saramago”, o maior poeta português do século XX e o maior prosador português do século XX. É um grande desafio para mim próprio. É como, com os olhos no pico do Everest, subir todos os dias mais cem metros. Vamos lá ver



se serei capaz, se estarei à altura destes dois gigantes da literatura mundial. São dois labirintos sem portas, para os quais descobri/criei uma porta.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Como é que é possível acumular, com o mesmo brilhantismo, as funções de professor, ensaísta, romancista, crítico literário, conferencista, dramaturgo (neste campo, em parceria com Filomena Oliveira)? Contando com mais de 60 títulos da sua autoria, além das inúmeras obras nas quais participou em coautoria ou na qualidade de prefaciador, organizador, entrevistador, entrevistado, colaborador, crítico literário (capítulo de livro, artigo, recensão, etc.), não admira que seja considerado, por muitos, uma das personalidades mais estimulantes do atual panorama cultural português. Tem ideia de quantas páginas já escreveu ao longo da sua vida? Páginas que contribuem para o espólio mundial escrito em Língua Portuguesa. Tem noção de que há uma onda crescente de trabalhos realizados em torno da sua obra? Teses, capítulos de livro, livros, conferências, exposições, entrevistas, etc. É, cada vez mais, objeto de estudo. Como reage a esta realidade?

MIGUEL REAL:

E a Sofia tem contribuído (e MUITO) para a abertura dessas portas, o que lhe agradeço do coração. Nunca contei os livros, muito menos o número de páginas. Não é por modéstia. É, sinceramente, por MEDO. Quando publico um livro tenho sempre a sensação de que não consegui não só exprimir-me claramente como algo de importante lhe falta, aquele raciocínio original, aquela frase lapidar, que deveriam ter sido o coração da minha mensagem. E MEDO também porque conheço a biografia dos escritores e constato que quanto mais louvados em vida mais esquecidos após a morte. Os casos mais gritantes são os do Pinheiro Chagas e do Fernando Namora. Dois monstros sagrados em vida, esquecidos logo que



defuntos. Por isso, sem falsas modéstias, procuro um equilíbrio entre ser conhecido e ser lido. Não ser muito falado, mas ser lido por aquela “imensa minoria” que, culta, saiba apreciar (estar de acordo, criticar) o que escrevi, limpar a gordura a mais e detetar o diamante que todos os livros contém.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Na exposição itinerante que esteve patente de outubro de 2019 a dezembro de 2019, na Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço, Guarda (cidade candidata a capital europeia da cultura 2027), um dos painéis era dedicado à sua vertente Humanista. “Todos são unânimes em afirmar que este enorme vulto da cultura portuguesa, do ponto de vista pessoal, é um ser humano absolutamente ímpar, irrepreensível. Extremamente humilde, de uma generosidade e afabilidade para com todos absolutamente incedível, Miguel Real tem vindo, desde sempre, a acarinhar diversos autores. Além disso, tem um leque de sociabilidades de avultada dimensão, reunindo, na sua base de dados de amizades, incontáveis nomes de diversas proveniências, idades, sexos, credos, ideias políticas, religiosas, culturais, que, entre outros aspetos, atestam a profunda tolerância e respeito pelo próximo”. Em suma, “Sério Cultor das Letras, convicto Humanista, figura tão bondosa quanto erudita”. Fica feliz em saber que, além de uma hercúlea obra, com um enorme potencial de estudo e reflexão, é um ser humano muito querido e apreciado por todos? Isto não é algo menor: conhecemos imensos casos de grandes intelectuais que são difíceis, para não usarmos outras expressões, do ponto de vista pessoal...E o Miguel consegue produzir mais do que ninguém e ainda tem tempo para o Ser e o Saber Ser.



MIGUEL REAL:

Por um lado, está-me no sangue ser bem-educado; por outro, sou o reflexo dos amigos que tenho. E todos eles sabem conjugar harmoniosamente “O Ser e o Saber Ser”.

METALINGUAGENS – Annabela Rita e Carla Sofia Xavier Luís:

Como reagiu à grande homenagem que foi promovida em torno da sua obra? Um Congresso Internacional, com a participação de relevantes figuras do meio académico nacional e internacional, uma Exposição Itinerante na Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço, com três Colóquios Associados, uma Conferência proferida na Academia de Marinha Portuguesa, a peça “O Ano da Morte de Ricardo Reis, da responsabilidade da Éter (produção Cultural), em exibição na Covilhã e na Guarda, um documentário artístico produzido por alunos de cinema da UBI e nomeado para o prémio *Sophia* 2018, entre muitas, muitas outras iniciativas que coocorreram para este Ciclo de Homenagem pela efeméride dos 40 anos de Escrita de Miguel Real, tudo isto com o apoio incondicional de dezenas e dezenas de instituições científicas e culturais, de Câmaras Municipais, desde locais até à de Lisboa, que fizeram questão de se associar. Um Oceano de gente que se deslocou à Covilhã e à Guarda não só para partilhar um bom diálogo científico em torno de uma hercúlea Obra de elevada qualidade científica e estética, mas também porque o consideram um ser humano absolutamente inigualável. Todos são unânimes em o afirmarem como um Ser Humano irrepreensível: “um santo laico”, como o apelida José Eduardo Franco. Como recebe estas críticas tão benignas quer à sua obra quer ao Ser Humano que as redige e faz de si um escritor tão querido por todos? Sente-se realizado?



MIGUEL REAL:

Foi um dos dias mais felizes da minha vida. Como cidades, fiquei com a Covilhã e a Guarda no coração; como participantes nas homenagens, e aos seus promotores (a Sofia, o Alexandre, a Annabela...), guardo-os para sempre como figuras que mais me emocionaram. A tudo e a todos, o meu muito OBRIGADO.

O Vergílio Ferreira dizia que, verdadeiramente, um homem só se realiza quando as suas obras têm consequências. Foi o que senti na Homenagem, senti-me realizado.

Envio: Outubro de 2020
Aceite: Outubro de 2020